

**O Partido Comunista Brasileiro (PCB) em Campo Grande (Mato Grosso Do Sul) –
1945-1964: História e Memória**

Ana Paula Pícoli de Lima

Objetivo: Este trabalho tem como objetivo, analisar e descrever brevemente, a história do PCB (Partido Comunista Brasileiro) na cidade de Campo Grande, aquela época, localizada no antigo Sul de Mato Grosso, entre os anos de 1945-1964 (período esse, de grandes transformações na história política brasileira, como o fim do Estado Novo, e o início do processo de *redemocratização*). Dentro desta nova conjuntura, este partido, passa um breve período exercendo suas atividades na legalidade. Porém, com o início da Guerra Fria e a instauração da Doutrina Truman (1947) o Brasil alinha-se com os EUA (Estados Unidos da América), o PCB é posto na ilegalidade e governo de Eurico Gaspar Dutra rompe relações diplomáticas com a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Desta forma, com o registro cassado, sua militância passa a ser efetuada na clandestinidade. Assim, a trajetória do PCB em Mato Grosso, por intensas perseguições por parte dos políticos de extrema direita e coronéis da oligarquia bovina. É importante observar que, o cenário político deste Estado, ao longo de sua história, em grande parte, foi dominado pelos referidos grupos sociais, e o Partido Comunista, era a *exceção*. Contudo, em meio a esses percalços, este manteve-se organizado, e passou a exercer as suas práticas políticas, através das alianças com outros partidos políticos e junto ao movimento sindical. **Quadro teórico de referência:** Este trabalho faz parte dos estudos que se referem à Nova História Política. Surgida em meados de 1968-1970, essa linha de pensamento, designada enquanto “ciência social histórica ou do passado”, diferentemente do passado em que se priorizava as “ações heróicas ou humanas dignas de serem lembradas”, ofereceu espaço a um universo de temas, até então pouco conhecido pelos historiadores: *família, escola, asilos, prisões, hospitais, hospícios, policias, oficinas, fabricas, etc., em suma, do cotidiano de cada indivíduo ou grupo social*. (FALCON, 1997:61-63 / 74-77).

Metodologia: Para o cumprimento da pesquisa, utilizar-se-á, procedimentos teórico-metodológicos próprios da área de História, tais como: Pesquisa bibliográfica, documentária, e entrevistas com alguns militantes do partido em Campo Grande e estudiosos do assunto.

Resultados: Este trabalho faz parte do UFGD/PPGH- Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Grande Dourados, e o mesmo está em andamento. Nesse sentido, o resultado que se espera é a socialização do conhecimento no que diz respeito à história da atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) na cidade de Campo Grande, da memória e identidade do respectivo partido, bem como, de seus militantes.

Conclusões: Ao findar a realização desse projeto, espera-se que o mesmo tenha contribuído para a comunidade, sobretudo, acadêmica através dos conhecimentos adquiridos ao longo da pesquisa, que, certamente, oportunizará a busca por tantas outras pesquisas no âmbito da História.

Palavras-chave: História – Política – Partido Comunista – Campo Grande.

A Atuação Do PCB na Cidade de Campo Grande: 1945-1964

Com a redemocratização do ano de 1945, abriu-se em todo país um novo espaço para a reorganização do PCB, bem como para a militância sindical. Na esfera nacional, haverá por parte da sociedade o ressurgimento de esperança no futuro. Essa nova atmosfera pacífica do pós II Guerra Mundial, irá unir os cidadãos dos mais variados segmentos sociais, em prol de objetivos que visavam atender positivamente a sociedade como um todo. Em Mato Grosso, diz Silva, na luta contra o regime fascista, sindicalistas, comunistas, religiosos, militares (além de outras esferas sociais) uniram-se e passaram a discutir os rumos do Brasil e do mundo. Mediante a isso, iniciou-se dentro desta conjuntura, a reorganização dos partidos, incluindo o PCB. (SILVA, 2005:95)

A primeira referência com relação a reorganização do PCB em Mato Grosso, tem a ver com José Duarte¹: um anistiado político, ex-presidente do Sindicato dos ferroviários da Noroeste², e militante do PCB no referido Estado, que estava empenhado na reorganização do partido.

Desta forma, o Partido Comunista Brasileiro, seção de Campo Grande, com o intuito de se reorganizar:

reuniu seus filiados e simpatizantes, em agosto de 1945, na sua sede social, rua 13 de maio, 717, para discutir o retorno à legalidade e sua organização no sul de Mato Grosso. Nessa reunião ficou decidido que o PCB ia intensificar suas ações junto ao movimento sindical. Nesse sentido foi destacado um militante para ajudar a reconstruir o Sindicato dos Trabalhadores do Garimpo do Rio Aquidauana, bem como, apoiar a luta dos camponeses no município de Terenos. Os gráficos, sob influência do PCB, criaram a Associação Profissional dos Trabalhadores Gráficos em outubro de 1946, numa reunião social do Sindicato da Construção Civil. Bento de Barros foi escolhido presidente da entidade (SILVA, 2005:95-96).

Organizado o partido, o campo de sua atuação mediante os anos de 1945-1964, refletirá as tendências do cenário nacional: como o perfil aliançista, bem como a militância junto aos movimentos sindicais³. Em relação à primeira, Chilcote afirma-nos que, a partir de 1945, ficou evidente a interação do PCB junto ao movimento sindical, e também, com os *principais* partidos brasileiros: PTB e PSD. No Estado de Mato Grosso, essa articulação dar-se-á especialmente com o PTB⁴ (CHILCOTE, 1982:252 & SILVA, 2005).

No tocante a essa questão, Neves, ao definir o caráter dos padrões partidários mato-grossenses, “a partir do tratamento da aglutinação partidária”, estabeleceu que o critério que definiu a política do PCB em Mato Grosso, seguiu o perfil ideológico / oposicionista / aliançista (claramente mostrado nas suas “alianças” com o PTB). Reafirmando esta tese, Fleischer explica que este é um partido de ideologia e projetos consistentes, que não se adequava à maioria das propostas da direita, mas:

dividia seu apoio clandestino entre os candidatos de quase todas as legendas partidárias, de acordo, com as posições políticas destes candidatos. Durante o período de 1948-1964, este apoio foi concentrado dentro do PTB, às vezes com o PSP, e ainda de vez em quando com o PSD e UDN. (FLEISCHER, 1981:57)

Partindo desse princípio, Neves afirma que o PCB contribuiu de certa forma para uma postura mais “progressista” do PTB⁵ (mesmo em relações a questões fechadas, como por exemplo, a candidatura de Filinto Muller para governador do Estado). Arnaldo de Figueiredo, (militante do PSD/sul) em entrevista à Maria Manuela Neves, assim esclarece: “O Filinto nunca foi governador porque o PCB nunca o apoiou!” (FIGUEIREDO *apud* NEVES, 1988:135).

Gastão Muller (militante do PSD/norte), por sua vez, rebate: “É natural! Seria um absurdo se os comunistas apoiassem Filinto. Mas eles não tinham esse poder. O PTB sim!” (MÜLLER *apud* NEVES 1988:135)⁶.

Desta forma, ainda em relação às alianças partidárias, Neves, assegura que estas “ocuparam o foco central da política eleitoral mato-grossense”, havendo apenas poucos episódios onde determinados militantes de direita, “usaram seu poder pessoal para recusar alianças com o PCB”. Um desses episódios pode ser claramente visto, através da correspondência de Filinto Müller a Gastão Müller, no ano de 1958:

A tentativa de inclusão dos comunistas na nossa chapa é mais um aborrecimento (...) em Três Lagoas, Campo Grande, Ponta Porã, Dourados e em Corumbá temos crises graves (...) Vem agora amigos de vistas curtas com essa história de apoio comunista! (...) Não aceito essa inclusão nem que arrebente o partido. (NEVES *apud* Muller, 1988:163)

Partindo desta análise, Maria Manuela Neves define que “ocorre uma radicalização de posturas mais conservadoras no avançar do sistema (...) no sentido de se julgar pelas posturas partidárias em relação a alianças com o PCB”. Como já foi enfatizado, as alianças sempre foram matérias essenciais dos partidos, inclusive para a UDN, (e claro), o PTB. Finalizando a discussão, é importante salientar que este primeiro foi um “constante beneficiário dos acertos sulistas com o PTB”, e este último, embutira o apoio do PCB. (NEVES, 1988:164)

Segundo Silva, O PCB - seção de Mato Grosso (localizado em Campo Grande), embora pequeno numericamente, contava com militantes que “tinham quadros políticos com muita influência na sociedade ⁷”: eram intelectuais, empresários, profissionais liberais, contando até com um time de futebol formado por sindicalistas ⁸.

Conta-se ainda que, o partido possuía também, um jornal, intitulado “O Democrata”⁹, dirigido pelo então vereador de Campo Grande José Roberto de Vasconcelos. Considerado para eles um “importante instrumento de luta, o periódico, de acordo com o autor, “não raro denunciava em seus editoriais as mazelas da política regional e a ação do coronelismo e da oligarquia bovina, além de abrir espaço para a opinião da sociedade civil”. (SILVA, 2005:129) Desta maneira, sua linha editorial era acompanhada de perto pelos militantes da ADEMAT, bem como os passos dos militantes comunistas.

Em relação à prática da denúncia e perseguição contra os comunistas ¹⁰, de acordo com o autor, no sul de Mato Grosso, ainda no início da década de 1960, existia um grupo paramilitar ¹¹ conhecido como ADEMAT (Associação Democrática Mato-grossense), ligado à UDN e ao IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática ¹²). Seus militantes eram médicos, advogados, pecuaristas, comerciantes, professores, intelectuais, jornalistas, entre outros que na prática aplicavam no sul de mato Grosso a linha política do IBAD, que por sua vez, apoiava abertamente o golpe de estado como forma da UDN chegar à presidência da República.

Silva afirma-nos, através dos relatos de Demóstenes Martins, que em 1963, na região do Sul de Mato Grosso, surgia à candidatura de Lúdio Martins Coelho, apoiada especialmente pela ADEMAT, com o intuito de “combater a ação comunizante do presidente João Goulart, inclusive no campo da luta armada”. (MARTINS *apud* SILVA, 2005:128-129)

No tocante a trajetória do PCB em Mato Grosso (em especial a cidade de Campo Grande), as fontes consultadas neste texto enfatizam especialmente os acontecimentos relacionados ao golpe de 1964. Iniciando-se sobre esta questão, Silva, confirma-nos que na semana que antecedeu o golpe, na cidade de Campo Grande, iniciavam-se os preparativos para a *Caminhada da família com Deus e pela Liberdade e pela Pátria*¹³ (um evento que estava acontecendo em todo o país, incentivado pelos políticos de direita e pelo clero conservador que objetivava apoiar um futuro golpe de Estado). Conclamando a população a participar do evento, o jornal Correio do Estado divulgou em matéria de capa o seguinte convite:

Convida-se o povo de Mato Grosso para participar da Marcha da família com Deus e pela liberdade, que terá lugar às 16 horas do dia 02 de abril partindo das proximidades do colégio estadual, a rua Juca Pirama, para 14 de Julho. A marcha é *apartidária* não sendo permitidas alusões em favor de candidatos ou contra as autoridades civis e militares. Venha conosco para a liberdade contra o comunismo. (CORREIO DO ESTADO *apud* SILVA, 2005:145).

A marcha foi realizada dia 02 de abril de 1964, pelas principais avenidas de Campo Grande. Posteriormente no dia 03 de abril de 1964, o jornal Correio do Estado estampou uma inusitada manchete, a pedido do comando do exército:

A ordeira e operosa população de Campo Grande e de todo o Estado de Mato Grosso pode confiar na ação patriótica do Exército Brasileiro, mantendo-se calma, prosseguindo em seus afazeres normais, certo de que a tropa da região militar lhe garantira a tranqüilidade que todos almejamos, entretanto, se elementos mal avisados tentarem perturbar a ordem todas as medidas necessárias serão tomadas como máximo rigor. General Barbosa Pinto, Comandante do Exército. (CORREIO DO ESTADO *apud* SILVA, 2005:131-132)

Segundo Silva, ao mesmo tempo em que este houve este comunicado, concomitantemente, saíram viaturas para prender todos os subversivos do regime, tais como: democratas, nacionalistas, sindicalistas, comunistas, inocentes dentre outros. Entre os presos, estava o militante do PCB, o médico Alberto Neder (considerado o comunista mais conhecido de Campo Grande), entre outros. (SILVA, 2005:132-134)

Para explicar essa intensa perseguição aos comunistas, Franz Neumann¹⁴, acredita na existência de uma teoria da *conspiração* presente em todas as sociedades, dada por meio da “intensificação da ansiedade do homem em relação a um determinado elemento por meio da manipulação, identificação a falsa concretização. Este defende uma hipótese da conspiração comunista, onde tudo é demonizado”: o bem estar da humanidade estaria ameaçado pelo perigo soviético “que ameaçam a família, a propriedade, a moralidade e a religião”. Desta forma, o Estado, usando desses artifícios que Neumann denomina enquanto ansiedade potencial, faz com que todo e qualquer tipo de ação empreendida contra os opositores da ordem seja empreendida, bem como, tenha o apoio das massas. Assim, no caso do Brasil, a simples existência dos comunistas, ainda que nada fizessem contra a ordem vigente, “constituía-se em um perigo real”. (NEUMANN, 1969)

Assim, cabe enfatizar que, a região de Mato Grosso, no que se refere à ameaça comunista, acabara por refletir ânimos que pairavam sobre o cenário nacional. Como já foi mencionado, a cidade de Campo Grande, vivenciou uma situação não muito diferente do restante do país. Várias pessoas foram presas sem ter nada a ver com o comunismo. Já os comunistas e nacionalistas, sofreram represálias apenas porque expressavam democraticamente a sua opinião política¹⁵.

Não havia critério para ser preso. Muitas vezes, bastava apenas que um vizinho, um desafeto ou mesmo um adversário político denunciasse o cidadão como comunista ou mesmo como simpatizante de algum partido ligado à base do governo deposto. Aliás, o denunciamento foi regra adotada em todo o país. Por isso as cadeias ficaram repletas de inocentes que mesmo conheciam a ideologia comunista. (SILVA, 2005:131)

Por fim, diante do exposto, verifica-se que acontecimentos como este, não podem ser creditados como meras coincidências. Tratava-se, mesmo, de uma autêntica “caça as bruxas comunistas”. Vale lembrar, que no Brasil, o comunismo soviético sempre causou grande insegurança entre as elites, e de fato, este modelo de governo, atraiu a simpatia, bem como a militância de pessoas em todo o mundo. Este receio em relação ao comunismo foi o motivo utilizado para a implantação da ditadura do Estado Novo por Vargas em 1937, bem como, para o início da ditadura militar iniciada em 1964. Durante todo esse período, construiu-se um imaginário negativo em relação aos comunistas, que objetivava “tornar legítima toda e qualquer ação empreendida no sentido de eliminá-los da sociedade, fosse através de meios legais, fosse utilizando a violência nos porões da ditadura militar”(NEUMANN, 1969).

Referências Bibliográficas

ARAKAKI, Suzana. *DOURADOS: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DE 1964*. dissertação de mestrado, UFMS – Dourados, 2003.

CARONE, Edgard. *O PCB (1922-1943)*. São Paulo: Difel, 1982. Vol. I. Estudos Sociais. Rio de Janeiro, 1958-1964.

CARONE, Edgar. *O PCB (1958-1964)*. Vol II. São Paulo, Difel, 1982. Estudos Sociais. Rio de Janeiro.

CARONE, Edgard. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)* Direção do professor Fernando Henrique Cardoso. São Paulo / Rio de Janeiro: DIFEL, 1979. 578

CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) - *Domínios da História*. Rio de Janeiro. Campus, 1998.

CHILCOTE, Ronald. *O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração (1922-1972)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FALCON, Francisco. *História e poder*. In CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) - *Domínios da História*. Rio de Janeiro. Campus, 1998.

FLEISCHER, David. V. (org). *Os partidos políticos no Brasil*. Brasília, Ed: UNB (Universidade de Brasília). 1981.

FLEISCHER, David. V. (org). *Os partidos políticos no Brasil*. Brasília – *Dimensões de recrutamento partidário*. Ed: UNB (Universidade de Brasília). 1981.

NEUMANN, Franz. *Ansiedade e política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

NEVES, Maria Manoela R. de Novis. *Leões e Raposas na política de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Mariela Editora, 2001.

NEVES, Maria Manuela Renha de Novis. *Elites políticas : competição e dinâmica partidário-eleitoral : caso de Mato Grosso*. São Paulo: VerticeIUPERJ, 1988.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros. História e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*.1980

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 303-309 – 2003. *O PCB e sua atuação nos anos 50* - Waldir José Rampinelli entrevista Jacob Gorender.

SALES, Jean Rodrigues. *Partido Comunista do Brasil – PC do B: propostas teóricas e prática política – 1962-1976*. Dissertação de mestrado, Campinas, SP: UNICAMP, 2000.

SANTANA, Marco Aurélio. *O Partido Comunista Brasileiro: trajetória e estratégias. Homens partidos: comunistas e sindicatos no Brasil*. São Paulo, Bom tempo Editorial/UFRJ, 2001. 311 páginas. Resenha de Lucília de Almeida Neves.

SILVA, Eronildo Barbosa da. *Sindicalismo no Sul de Mato Grosso:1920-1980*. – Campo Grande: Editora Uniderp, 2005. 132 páginas.

SODRÉ, Nelson Werneck, *Contribuição à História do PCB*, São Paulo, Global, 1984.

Sites da internet:

Portal da Fundação Getúlio Vargas:

www.fgv.com.br

http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos20/ev_quesocial_pcb.htm, (acessado em 25/08/2007)

http://www.cpdoc.fgv.br/nav_fatos_imagens/htm/fatos/RevoltaComunista.htm (acessado em 18/08/2007).

¹ Ex-presidente do sindicato dos ferroviários da noroeste, José Duarte, foi um dos beneficiados com a anistia política do pós 1945. Como militante do PCB, estava empenhado em reorganizar o partido, bem como, na construção do Movimento Unificador dos Trabalhadores (MUT). Ao chegar a Bauru, este objetivava também a construção da Associação dos Ferroviários da Noroeste. Assim, conta Silva, “em cada estação até Três Lagoas ele ia criando as delegacias e orientando a direção de seus dirigentes. Ao mesmo tempo desenvolvia um trabalho partidário” (SILVA, 2005:94-95)

² De acordo com Eronildo Barbosa da Silva, os ferroviários diferentemente de outras categorias, construíram ao longo de sua trajetória histórica um movimento sindical “relativamente forte”. Desta forma, o PCB, irá intensificar suas ações junto ao movimento sindical.

³ Essa articulação do partido com outros partidos ocorreu especialmente após a Declaração de Março de 1958, quando a política pecebista passou a valorizar as instituições democráticas, o livre jogo dos partidos, a defesa da legalidade e o princípio das amplas alianças, dentro de uma perspectiva de luta pacífica pelas necessárias transformações sociais.

⁴ Viviam-se os tempos da Guerra-Fria, e desta forma, o presidente Dutra, no ano de 1947 ao romper as relações diplomáticas com a URSS, irá caçar o registro do PCB. Desta forma, por pouco tempo o partido exerceu suas práticas na legalidade.

⁵ Isso deveu-se também pela fragilidade da organização trabalhista do norte, uma região sem massa de operariado e marcadamente cartorial. (NEVES, 1988:135)

⁶ A partir dessas declarações, a autora afirma que tais evidências demonstram que não foi o caráter ideológico o instrumento exclusivo ou primordial da organização partidária em Mato Grosso, pois, fatores como o “interesse político imediato e o oposicionismo” prevaleceram mais na UDN⁶ – haja vista que o PTB revelou uma maior “transparência ideológica, mesmo que referida regionalmente, num primeiro momento”.(NEVES, 1988:135)

⁷ Partindo desse princípio, o autor menciona que em uma sociedade em que as “alternativas às condições existentes são raramente factíveis, um compromisso consciente com a transformação social pode ser muito bem preservado apenas no interior do próprio partido”. Desta forma, “a filiação ao Partido Comunista geralmente coincide com um elevado nível de politização e consciência social”. (CHILCOTE, 1982:28)

⁸ Através deste trabalho, pretende-se entrevistar alguns militantes do partido.

⁹ Em meio ao golpe de 1964, houve uma invasão por um grupo armado, e teve seu material parcialmente destruído.

¹⁰ É importante levar em conta que durante os anos 60, segundo Arakaki, o fantasma do comunismo era visto em toda parte. *Uma palavra, um pensamento diferente era o suficiente para alguém ser considerado como suspeito de comunista. Assim, não era apenas entre os trabalhadores rurais ou urbanos, mas em quase todos os setores da sociedade identificava-se a existência de pessoas supostamente alinhadas com a chamada ideologia vermelha. Viviam-se os tempos da Guerra Fria*. (ARAKAKI, 2003)

¹¹ Silva pondera que o autor Demóstenes Martins, afirmou em *a poeira da jornada*, que a ADEMAT tinha um caráter paramilitar. “Em 1964 era muito comum ver os militantes da ADEMAT portando metralhadoras e outras

armas do uso exclusivo do exercito brasileiro, como se fossem militares de fato”. (MARTINS *apud* SILVA, 2005:128).

¹² Segundo o site da Fundação Getúlio Vargas, “as sementes do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) foram lançadas no final do governo de J.K . Criada em 1959, por Ivan Hasslocher, “recebendo contribuições de empresários brasileiros e estrangeiros”. Seus militantes estavam descontentes com a alta inflação, bem como “o estilo populista de JK”. Desta forma, “julgaram necessário organizarem-se com o objetivo de combater o comunismo no Brasil e influir nos rumos do debate econômico, político e social do país.” (<http://www.cpdoc.fgv.br>)

¹³ Dias depois, (02 de abril) realizou-se a marcha, pelas principais ruas de Campo Grande. Conta-se que quando passaram em frente ao Bar Esporte (localizada aquela época na rua 14 de Julho com Afonso Pena), Radio Maia, um militante comunista, gritou: “essa é uma passeata das fezes”. Essa audácia rende-lhe como conseqüência alguns dias de prisão. No interrogatório, perguntavam-lhe onde se encontravam as armas que os comunistas de Campo Grande escondiam ao trazê-las do Paraguai. Maia, ironizou dizendo que sabia. De acordo com Silva, o chefe do interrogatório, espantado, gritou: Onde estão? Rádio Maia por sua vez, explicou que as armas eram de Camões (Os Lusíadas), e passou a declamar: “as armas e os barões assinalados...” Por fim, constatou-se que nesse dia o *interrogatório* terminou mais tarde. (SILVA, 2005:145-146)

¹⁴ NEUMANN, Franz. *Ansiedade e política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

¹⁵ Além das ferrenhas perseguições e prisões, havia também, muitas histórias de mau gosto, que nas quais, sempre os comunistas eram culpados. Uma delas, de acordo com Silva, foi o boato que no início de abril de 1964, a água que abastecia campo grande fora envenenada por um grupo de comunistas. Isto foi o suficiente, afirma Silva, “para as pessoas irem aos córregos buscarem o líquido, pois, ninguém mais queria consumir a água fornecida pela prefeitura”. Em meio a isso, o comandante do Exército, preocupado com a situação, foi à imprensa desmentir o episódio, dizendo que já haviam sido feitas pesquisas e nada de anormal havia sido encontrado. Por fim, ninguém foi acusado por este “ato terrorista”, mas certamente, diz Silva, “foi algo arquitetado para prejudicar os comunistas”. (SILVA, 2005:127-135)